

## O CONTATO ENTRE GERAÇÕES E A SUBJETIVIDADE

Maria Laura Medeiros Bleinroth(1); Edja Mayra Ferreira de Castro (1); Maysa Lanne Vieira Damasceno (2); Myrna Lins Tenório (3); Cristina Camelo de Azevedo (4)

*Universidade Federal de Alagoas; laurableinroth@gmail.com; edjamayra@hotmail.com; maysa\_lanne@hotmail.com; myrna\_lins@hotmail.com; cris.camelo@gmail.com*

**Resumo:** Diante do aumento da população de idosos originam-se diversos questionamentos acerca das suas implicações biopsicossociais. Devido a este cenário, o presente artigo centraliza-se na relação intergeracional, tendo como base o conceito de subjetividade de Vygotsky e o conceito de geração de Karl Mannheim, objetivando analisar as relações presentes entre subjetividade e intergeracionalidade na vida do sujeito idoso. Como metodologia foi realizada uma revisão de literatura, tendo sido o levantamento bibliográfico realizado nas bases Scielo e BVS, assim como no banco de teses e dissertações da CAPES, compreendendo o período de 2006 a 2016. Por meio desta pesquisa, pode-se observar o contato intergeracional como via de transmissão cultural, ressignificação do processo de envelhecimento, bem como um aporte para a criação de vínculos. Diante disso, destaca-se a importância do contato entre as gerações para a construção da subjetividade.

**Palavras-chave:** Intergeracionalidade, laços intergeracionais, gerações, subjetividade, envelhecimento.

**Abstract:** In view of the increase in the elderly population, several questions arise about their biopsychosocial implications. Due to this scenario, the present article focuses on the intergenerational relationship, based on Vygotsky's concept of subjectivity and Karl Mannheim's concept of generation, aiming to analyze it as present relations in subjectivity and intergenerationality in the life of the elderly subject. As a methodology, a literature review was carried out. The bibliographic survey was carried out at the Scielo and VHL databases, not as a thesis and dissertation database of CAPES, covering the period 2006 to 2016. Through the research, one can observe the contact intergenerational as a means of cultural transmission, re-signification of the envelopment process, as well as a contribution to creation of bonds. In this context, the importance of the contact between generations is emphasized for a construction of subjectivity.

**Key words:** Intergenerationality, intergenerational ties, generations, subjectivity, aging.

### INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, pesquisas têm apontado o crescente processo de envelhecimento populacional. Os dados estatísticos apontam a previsão de que, em 2020, o Brasil será o sexto país em maior população idosa no mundo<sup>1</sup>. Diante desse fenômeno, são produzidos diversos questionamentos acerca das implicações biopsicossociais e sobre os vários desafios para as políticas públicas, para a sociedade e para a universidade, quanto a produção de conhecimentos e de novas práticas de intervenção junto a essa demanda<sup>2</sup>.

Um ponto bastante relevante neste cenário é a questão da relação intergeracional, como se dá o contato entre as gerações e as consequências que são originadas, considerando ser relevante a questão da subjetividade implicada nessas relações.

Segundo o sociólogo Karl Mannheim (1893), geração não se refere a um grupo concreto ou uma comunidade na qual os laços que unem os indivíduos são conscientes e até desejados. Mannheim não fixa seu pensamento na categoria idade e, sim, no termo geração associado à própria dinâmica das transformações sociais. Desta forma, Mannheim distancia-se de associar as gerações a um conceito de tempo externalizado e mecanicista, pautado por um princípio de linearidade. O problema geracional se torna, dessa forma, um problema de existência de um tempo interior não mensurável e que só pode ser apreendido qualitativamente, ou seja, esse tempo interior só pode ser apreendido subjetivamente e não objetivamente<sup>3</sup>. Além disso, afirma que diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico. Neste sentido, o sociólogo considerou o problema geracional uma contraproposta diante da linearidade do fluxo temporal da história<sup>4</sup>.

A compreensão de “geração” refere-se ao seu sentido sócio-histórico, designando como um conjunto de pessoas que nasceram em um período próximo e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural. Não significa, entretanto, que possuem uniformidade de pensamento dos membros da mesma geração, mas sim uma referência que se coloca como realidade objetiva para os indivíduos<sup>5</sup>.

Através da teoria de Mannheim, entende-se que, mesmo que diferentes gerações vivam num mesmo tempo, todas elas na verdade vivem em eras subjetivas e qualitativamente diferentes. Assim, considera-se que existe “não contemporaneidade” no contemporâneo, no qual cada momento é mais do que um acontecimento pontual, sendo experimentado diferentemente por pessoas de várias gerações que estão vivenciando diferentes etapas de desenvolvimento<sup>2</sup>.

Mannheim questiona a psicologia que simplifica a velhice com elementos conservadores e juventude com impetuosidade, mas não deixa de considerar a sequência biológica das gerações como um elemento chave para oferecer as condições de mudanças e alterações. Porém, afirma que este fator isolado não oferece condições suficientes para a explicação do específico da geração<sup>5</sup>.

A teoria de Mannheim traz que é preciso compreender que o processo de tornar-se indivíduo ocorre mediado através da correlação com o ambiente, mais precisamente com uma ordem cultural e social específica. Considera-se que o eu não pode ser devidamente compreendido fora do particular contexto social. É necessário, portanto, ressaltar que, ao se falar em geração, parte-se da crença de que a realidade é socialmente construída<sup>2</sup>.

A subjetividade se desenvolve pela interiorização da cultura, que permite expressar os anseios individuais e criticar a própria cultura que permitiu a sua formação. Essa perspectiva

reafirma a importância da interação com o outro para a construção da subjetividade e, portanto, o que resulta no processo de sociabilidade. Ou seja, a subjetividade é considerada uma construção que acontece a partir dos encontros que vivencia com o outro<sup>6</sup>.

Vygotsky reafirma a importância da interação com o outro para a construção da subjetividade. O sujeito é constituído pelas significações culturais, contudo a significação é a própria ação, ela não existe em si, mas a partir do momento em que os sujeitos entram em relação e passam a significar. Vale ressaltar que a subjetividade é processo que não se cristaliza, não se torna condição nem estado estático. Deste modo, o conceito de subjetividade, referente à perspectiva da Psicologia histórico-cultural, está intimamente relacionado ao fato de que cada geração começa sua vida em um mundo constituído de significados e de objetos construídos pelas gerações anteriores. O desenvolvimento do homem é, portanto, um processo histórico e social<sup>7</sup>.

Neste sentido, o presente artigo buscou analisar, a partir das considerações da psicologia sócio-histórica, as relações presentes entre subjetividade e intergeracionalidade, com o intuito de dar visibilidade a importância do convívio intergeracional e sua proximidade com questões subjetivas, bem como sua contribuição para ressignificação do processo de envelhecimento. Busca-se, então, a partir da concepção de geração mannheniana, fazer uma leitura acerca das implicações da intergeracionalidade ao que se refere este tema.

## **METODOLOGIA**

Foi realizado um estudo através de uma revisão da literatura na qual o levantamento das produções bibliográficas foi efetuado através das bases de dados, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), bem como no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A busca foi efetuada utilizando-se as palavras-chave *Laços intergeracionais – subjetividade – gerações - subjetividade e envelhecimento* separadamente e também combinadas: *laços intergeracionais e envelhecimento; laços intergeracionais e subjetividade; laços intergeracionais e envelhecimento; gerações e subjetividade; gerações e envelhecimento*.

Além disso, foi realizada uma análise detalhada dos artigos encontrados em todas as bases, seguindo os critérios de inclusão e exclusão, a saber: a) critérios de inclusão: artigos brasileiros, publicados entre os anos 2006 a 2016; ter ao menos uma das palavras-chave acima, no título e/ou resumo, b) critérios de exclusão: artigos repetidos; texto completo indisponível; e não serem da área da psicologia ou da abordagem adotada, a sócio-histórica.

A partir do levantamento bibliográfico foram contabilizados no total duzentos e quatorze artigos. Porém, diante dos critérios de inclusão, permaneceram nove artigos. Os duzentos e três artigos que foram excluídos, seguiram o critério de exclusão. Na tabela 1, apresentada a seguir, estão representados características referentes aos artigos considerados pertinentes para os objetivos dessa pesquisa.

Qnt.	Título	Autor(es)	Ano	Revista	Base de dados
1	Impacto de atividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos.	Massi G, Santos AR, Berberian AN, Ziesemer NB.	2016	CEFAC	CAPES
2	Troca de cartas entre gerações”: Projeto gerontológico intergeracional realizado em uma ILPI de São Paulo.	Piovezan M, Bessa TA, Borges FSPS, Prestes SM, Chubaci RYS	2015	<i>Kairós Gerontologia</i>	BVS
3	Laços intergeracionais no contexto contemporâneo.	Borges CC, Magalhães AS.	2011	Estud. psicol.	BVS
4	Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho.	Caldas CP, Thomaz, AFA.	2010	<i>Kairós Gerontologia</i>	BVS
5	Convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários.	Cachioni M, Aguilar LFA.	2008	<i>Kairós Gerontologia</i>	BVS
6	Como vai a educação gerontológica nas escolas públicas do Distrito Federal?: um	Zanon CBFM, Alves VP,	2011	Brasileira de geriatria e	SCIELO

	estudo com idosos e jovens.	Cardenas CJ		gerontologia	
7	Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural.	Aitta EB, Facci MGD.	2011	Psicologia Revista	SCIELO
8	Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira	Lisboa AV, Feres- Carneiro T, Jablonski B	2007	Psicologia em estudo	SCIELO
9	Relações intergeracionais: as barreiras da institucionalização	Vieira SL.	2012	Kairós Gerontologia	SCIELO

*Fonte: Bleinroth ML, Castro EMF, Damasceno ML, Tenório ML, Azevedo CC (2017).*

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As referências selecionadas foram analisadas tendo por base o objetivo do trabalho, considerando as teorias de Vygotsky (1996) e Karl Mannheim (1982) através das quais será desenvolvida a presente discussão.

A partir da análise foi possível observar três fatores que estão intimamente relacionados com a subjetividade e a intergeracionalidade, tais são: Transmissão sociocultural, ressignificação do processo de envelhecimento e construção de vínculo.

### Transmissão sociocultural

No que tange a conseqüente sucessão das gerações, é possível afirmar que representa para cada sociedade o desafio da transmissão dos bens culturais acumulados de uma geração para a próxima, no qual este processo não se restringe a uma simples “passagem” de conteúdos ou conhecimentos. Os sujeitos envolvidos podem perceber uma dada situação com pontos de vista diferentes em função dos seus posicionamentos em gerações diferentes<sup>8</sup>.

Sem o processo de transmissão de conhecimentos e de comunicação, seria impossível a continuidade do processo histórico, visto que as gerações seguintes não teriam acesso ao desenvolvimento histórico-cultural da humanidade. Assim, ressalta-se que não há sociedade que prescindia da transmissão cultural, que se faz de geração a geração, e na qual não haja diferenças

intergeracionais. Estes elementos, transmissão e diferenças entre gerações estão na base dos laços intergeracionais<sup>9</sup>.

Através da teoria Mannheimiana, compreende-se que as diferenças intergeracionais são inerentes à estrutura social, considerando que os indivíduos, posicionados nas suas respectivas gerações, estariam mais ou menos predestinados a verem o mundo de uma forma própria e distinta daqueles que pertencem a outras gerações<sup>9</sup>.

Dessa forma, busca-se a partir de Vygotsky a noção de subjetividade, em que considera que o indivíduo se constitui a partir do outro, desenvolvendo-se em um específico contexto sócio-histórico-cultural, com base no processo de internalização das construções sociais<sup>8</sup>.

Além disso, a Psicologia Sócio-Histórica concebe a identidade como uma categoria que envolve os demais em sua relação, ou seja, ela depende e é influenciada por outros fatores que envolvem além do indivíduo, aspectos extrínsecos ao sujeito como, por exemplo, a cultura e as relações sociais<sup>10</sup>.

Para efeito do estudo sobre gerações, tudo que foi supracitado é importante, pois o processo de transmissão cultural que se faz de uma geração a outra é justamente a transmissão de uma realidade, de um mundo de hábitos e de significados. E essa transmissão se dá a partir de relações com diferentes gerações. Neste sentido, a transmissão cultural que possibilita a preservação de uma memória social, na qual parte do conteúdo cultural é propagado pelas gerações mais velhas<sup>9</sup>.

O processo de transmissão de bens culturais sofreu mudanças pela acelerada inovação tecnológica. Isso quer dizer que com a rápida inovação principalmente das tecnologias de informação e comunicação, o processo de passagem de informações se inverteu. Em relação a isso, os jovens de hoje precisam ensinar os mais velhos. Contudo, mais importante é observar que os bens culturais acumulados não se restringem a informações técnicas. Existe uma série de outros conhecimentos e práticas sociais que os jovens precisam adquirir, geralmente pelos mais velhos<sup>8</sup>.

Neste sentido, também é válido ressaltar também que o processo de transmissão é importante para o universo grupal, porque é uma função de base na construção de uma identidade grupal, assim como permeia a construção da subjetividade dos membros do grupo<sup>11</sup>.

### **Ressignificação do processo de envelhecimento**

Antigamente, a imagem do idoso era representada como alguém que tinha muito com o que contribuir, ocupando um lugar de respeito na sociedade e na família. Tinha como função de possuir a história e o passado dos familiares, sendo ele elemento fundamental para transmissão das memórias, histórias e lembranças vividas por aquela família. Esta imagem, porém, modificou-se ao

longo do tempo, agregando-se a esta estigmas e valores negativos. Tal fato se deu basicamente em consequência da escalada de uma lógica consumista em nossa sociedade, quando ser jovem, ativo e bem sucedido tornou-se o foco do mercado. Contudo, a partir da constatação do aumento da população idosa, configurou-se a possibilidade de um novo nicho de mercado consumidor, o sujeito idoso, fazendo surgir um novo conceito de velho e uma nova forma de encarar e se relacionar com o envelhecimento, estando ainda em construção<sup>10</sup>.

As imagens sociais e individuais de velhice estão intimamente relacionadas através de um movimento constante de criação que é responsável pela construção da identidade do idoso. Assim, a formação da identidade e subjetividade do idoso, bem como o modo em que ele se posiciona na sociedade, não é algo que diz respeito somente a ele, mas aos demais agentes sociais, que também vão interferir e contribuir para o conceito de envelhecimento que possuímos<sup>10</sup>.

Quando o sujeito idoso se depara com uma determinada imagem social, ele começa a apropriar de características que compõem esta imagem, modificando sua identidade pessoal. Consequentemente, ele se apresentará ao mundo de uma nova forma, agora transformado por estes novos significados sociais. Neste sentido, há uma visão muito presente na sociedade de que estão esgotadas as possibilidades de movimento da identidade do idoso, quando na verdade existe a possibilidade de se colocarem no mundo de outra forma. Portanto, é importante analisar que imagem social está sendo disponibilizada aos idosos, para que na sua reprodução, ela não seja a transmissão de caracteres preconceituosos e limitadores, bem como que ela possa promover uma subjetividade mais rica e com maior número de possibilidade aos idosos<sup>10</sup>.

É no convívio com os outros que o sujeito adquire ideias, comportamentos e hábitos, e vice-versa. Deste modo, durante o convívio entre diferentes gerações, nos diversos espaços sociais, ricas trocas de experiências são estabelecidas. No tocante às gerações mais velhas, a experiência histórica da terceira idade diz respeito à sociedade inteira, em busca de novos equilíbrios entre os tempos sociais e as gerações<sup>12</sup>.

Zanon, Alves e Cardenas<sup>13</sup> perceberam as necessidades e problemas decorrentes das mudanças biopsicossociais da velhice, no qual um dos problemas detectados é a existência de preconceitos e estereótipos relacionados à gerações mais velhas, que precisam ser superados. De acordo com os resultados obtidos na pesquisa, observaram que não existe uma resposta única no que tange ao envelhecimento, pois é um processo complexo e heterogêneo compreendendo relações biopsicossociais e culturais, constatado pelas visões plurais e multidimensionais dos sujeitos da pesquisa. Deste modo, constataram que o envelhecimento saudável depende de investimentos

sociais contínuos dirigidos aos cidadãos em todas as fases da vida, e não somente de investimentos individuais. Por fim, alegam que as atividades que visem à promoção de encontros entre diferentes gerações podem trazer benefícios para todos os envolvidos, traduzidos em compreensão, respeito mútuo, afeto e melhor qualidade de vida.

Massi<sup>14</sup> considera a linguagem como uma via essencial que possibilita a interação entre as gerações, garantindo contínua participação e engajamento dos idosos junto às suas famílias e às suas comunidades. Sendo esta uma prática dialógica, é importante compreender o papel que ela assume na superação de preconceitos em torno do envelhecer, bem como na implementação de encontros intergeracionais.

Através do estudo realizado por Massi<sup>14</sup>, é possível constatar que as atividades dialógicas intergeracionais proporcionaram momentos de aprendizagem, aproximação e troca de experiências recíprocas entre as gerações, ou seja, exerceram influências positivas na percepção dos sujeitos envolvidos. Ao que se refere o ponto de vista dos idosos, a possibilidade de dialogar e de participar de atividades em conjunto com crianças e adolescentes levou-os a vislumbrar a necessidade de respeitar e valorizar a geração mais nova. No caso das crianças e adolescentes, enunciaram que esses encontros propiciaram reflexões em torno de visões estereotipadas da velhice, diluindo representações preconceituosas e carregadas de conotações negativas.

Borges e Magalhães<sup>8</sup> possibilitam a compreensão do processo de constituição de laços intergeracionais diante do contexto de transformações sociais aceleradas, observando mudanças subjetivas e relacionais, além de afirmarem que as diferenças geracionais estão na base do processo de transmissão sociocultural.

Os autores afirmam que a partir de estudos psicossociais, é possível observar distintas perspectivas teóricas que abordam o conceito de geração em contraposição à categoria idade, nas quais destaca-se o caráter subjetivo da experiência de pessoas de diferentes idades e reflete-se sobre distanciamentos e aproximações entre esses sujeitos. Além disso, afirmam ser imprescindível compreender como o intenso e acelerado fluxo de transformações tecnológicas, econômicas, sociais e culturais, característicos da atualidade, repercute nas relações estabelecidas entre as pessoas de diferentes gerações.

### **Construção de vínculo**

Piovezan, Bessa, Borges, Prestes e Chubaci<sup>15</sup> promoveram um estudo que proporcionou uma ação gerontológica por meio de cartas anônimas que possibilitou a construção de um vínculo intergeracional entre idosos institucionalizados e estudantes do ensino médio. A ação se deu como

exemplo de projeto intergeracional, que é uma interação intencional planejada entre diferentes grupos etários que proporciona reduzir a distância entre jovens e idosos, mas também promover atenção ao passado, presente e futuro por meio do compartilhamento de diferentes valores e estilos de vida.

A partir dos resultados obtidos, os programas e projetos intergeracionais são considerados uma interação intencional planejada entre diferentes grupos etários que proporcionam o estreitamento da comunicação como compartilhamento de conhecimentos, habilidades, sentimento, ideias, bem como a prática de atividades cooperativas de valor significativo para ambos. Assim, os benefícios encontrados nos programas intergeracionais refletem na quebra de preconceitos tanto no âmbito cognitivo quanto no social e afetivo. O projeto também colaborou com a possibilidade de acrescentar vínculos emocionais dos idosos com outras pessoas, criando novas atividades aos residentes e permitindo que os estudantes tivessem a possibilidade de conhecer o indivíduo idoso, passando a se interessar mais por essa fase da vida. Quanto aos jovens, a participação no projeto por meio da intergeracionalidade trouxe maior conhecimento sobre a velhice como fase da vida, sobre o envelhecimento como processo do ser vivo e sobre o idoso como indivíduo adulto, heterogêneo e pleno de direitos, papéis e funcionalidade, tanto biológica como social<sup>15</sup>.

O estudo de Massi<sup>14</sup>, no qual investiga o impacto que atividades dialógicas intergeracionais pode ter na percepção que crianças e adolescentes têm sobre pessoas idosas e vice-versa, corrobora para o que foi supracitado, tendo em vista que um grande número de idosos explicitou que as atividades intergeracionais viabilizaram interação e fortalecimento de vínculos com as crianças e os adolescentes. Para esses idosos, a convivência com pessoas de gerações mais novas é necessária para que haja efetiva interação entre eles., sendo através da convivência capazes de fortalecer vínculos entre gerações, reconhecendo valores de suas histórias de vida.

É importante a interação entre todas as idades, bem como o respeito de suas particularidades durante a troca de experiências entre jovens e idosos, na qual ocorre uma interdependência fundamental para a construção de legados. Entende-se que o convívio entre diferentes gerações atua como oportunidade de aprendizagem para ambos, além de ser uma possibilidade de fortalecimento de vínculos entre os sujeitos, evidenciando esta aproximação como um meio para desmistificar os estereótipos que recaem sobre a velhice<sup>14</sup>. Através de um estudo realizado por Massi<sup>14</sup> acerca dos programas intergeracionais, foi constatado que além do fortalecimento da relação entre pessoas de diferentes idades, atividades intergeracionais têm efeitos benéficos sobre a saúde e o bem-estar de todas as gerações envolvidas.

No estudo, os alunos apresentaram primeiramente uma visão preconceituosa e estereotipada da velhice, em que a velhice tem sido associada a doenças crônicas e incapacidade, sendo essa visão unilateral responsável pela perpetuação de preconceitos e estereótipos<sup>15</sup>. Esse preconceito deve-se também ao fato da veneração, por parte da sociedade, da juventude, em que o envelhecimento é visto como um objeto de vergonha, algo ridículo e de desgosto. Para minimizar essa discriminação, tem-se como uma via os programas educacionais e trocas intergeracionais<sup>16</sup>.

## **CONCLUSÕES**

Apesar de ter sido recorrente encontrar nos artigos discussões acerca da subjetividade diante do contato entre as gerações, não traziam como centralidade a discussão da relação entre ambos, mas afirmavam a relevância pertinente ao assunto. Neste sentido, mostra-se uma via que fornece embasamento para a realização de estudos na área voltados para a construção da subjetividade e a sua relação com o convívio intergeracional.

Conclui-se que, apesar de os idosos ainda serem vistos com mitos e preconceitos, está emergindo outro conceito de se viver a velhice, mais positivo e inclusivo e isso tem contribuição do contato intergeracional, visto que fornece uma via para a ressignificação do processo de envelhecimento, bem como para construção de vínculos, contribuindo significativamente para que se possa promover uma subjetividade mais rica e com maior número de possibilidade aos idosos.

Assim, o convívio intergeracional foi visto como importante, o que também denota uma mudança no modo de pensar da sociedade. Isto indica uma nova visão do sujeito idoso, pautada em outros valores sociais e marcada por características que não são somente negativas, que começam a configurar um idoso mais participativo e possuidor de direitos e desejos.

Além disso, compreende-se que sem o processo de transmissão de conhecimentos e de comunicação seria impossível a continuidade do processo histórico, visto que as gerações seguintes não teriam acesso ao desenvolvimento histórico-cultural da humanidade. Ressaltando que, o conceito de subjetividade, referente à perspectiva da Psicologia histórico-cultural, é indissociável da relação das gerações mais novas ao começarem a entrar em um mundo constituído de significados e de objetos construídos pelas gerações anteriores.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1- Correa MR, Guerra TO, Monteiro CA, Pereira JM, Porto MA, Mainardi SM, et al. Envelhecimento e subjetividade: experiência de atuação em psicologia com grupos de idosos. Revista Ciência em Extensão. 2015; 11 (2): 129-139.

- 2- Guimarães SMD. De geração para geração: as relações entre avôs e netos em face do avanço tecnológico. (Dissertação de mestrado). Curitiba: Universidade de Tuiuti do Paraná; 2014.
- 3- Bortolazzo SF. De Comte à Bauman: algumas aproximações entre os conceitos de geração e identidade. *Estudos de Sociologia*. 2016; 22 (1): 121-144.
- 4- Weller W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Soc. Estado*. 2010; 25 (2): 205-224.
- 5- Doll J. Gerações – um olhar para o “Problema das Gerações” de Karl Mannheim. *Rev. Portal de Divulgação*; 28 (1): 2012.
- 6- Crochik JL. Os desafios atuais do estudo da subjetividade na psicologia. *Psico. USP*. 1998; 09 (2): 69-85.
- 7- Molon SI. Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotski. 3ª ed . Petrópolis: Vozes, 2010.
- 8- Aitta EB, Facci MGD. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. *Psicol. rev.* 20011; 17 (1): 32-47.
- 9- Borges CC, Magalhães AS. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. *Estud. psicol.* 2011; 16 (2): 171-177.
- 10- Caldas CP, Thomaz, AF. A Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. *Revista Kairós Gerontologia*. 2010; 13(2): 75-89.
- 11- Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. *Psicol. estud.* 2007; 12 (1): 51-59.
- 12- Cachioni M, Aguilar LF. A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. *Rev. Kairós*. 2008; 11(1): 79-104.
- 13- Zanon CBFM, Alves VP, Cardenas CJ. Como vai a educação gerontológica nas escolas públicas do Distrito Federal?: um estudo com idosos e jovens. *Rev. bras. geriatr. gerontol.* 201; 14 (3): 555-566.
- 14- Massi G, Santos AR, Berberian AN, Ziesemer NB. Impacto de atividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos. *Rev. CEFAC*. 2010; 18 (2): 399-407.
- 15- Piovezan M, Bessa TA, Borges FSPS, Prestes SM, Chubaci RYS. “Troca de cartas entre gerações”: Projeto gerontológico intergeracional realizado em uma ILPI de São Paulo. *Revista Kairós Gerontologia*. 2015; 18(3): 137-153.
- 16- Vieira SL. Relações intergeracionais: as barreiras da institucionalização. *Revista Temática Kairós Gerontologia*. 2012; 15(1):119-133.